

SALMAN RUSHDIE

# Dois anos, oito meses e vinte e oito noites

*Tradução*  
Donaldson Garschagen

Copyright © 2015 by Salman Rushdie  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Two Years Eight Months and Twenty-Eight Nights

*Capa*

Victor Burton

*Foto de capa*

WIN-Initiative/ Getty Images

*Preparação*

Silvia Massimini Felix

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Rushdie, Salman

Dois anos, oito meses e vinte e oito noites/ Salman Rushdie; tradução Donaldson M. Garschagen — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original : Two Years Eight Months and Twenty-Eight Nights

ISBN 978-85-359-2698-9

1. Ficção indiana (Inglês) I. Título.

---

16-01087

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção indiana em inglês 823

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Os filhos de Ibn Rushd, 13
Mr. Geronimo, 29
A incoerência dos filósofos, 70
As estranhezas, 79
Zumurrud, o Grande, e seus três companheiros, 147
Dúnia apaixonada, de novo, 172
Dentro da caixa chinesa, 216
No qual a maré começa a virar, 244
A Rainha das Fadas, 300
Epílogo, 329

# Os filhos de Ibn Rushd

Pouquíssimo se sabe, embora muito se tenha escrito, sobre a verdadeira natureza dos djins, criaturas feitas de fogo sem fumaça. Discute-se acaloradamente se são bons ou maus, diabólicos ou benignos. Quanto a seus atributos, há um consenso geral: são caprichosos, inconstantes, maldosos, capazes de se mover em alta velocidade, alterar suas dimensões e sua forma e conceder muitos desejos de homens e mulheres mortais, se assim desejarem ou se a tanto forem obrigados mediante coerção; e sabe-se também que têm uma percepção de tempo absolutamente diversa daquela dos seres humanos. Não devem ser confundidos com os anjos, embora algumas histórias antigas declarem de maneira incorreta que o Diabo em pessoa, o anjo decaído Lúcifer, o filho da manhã, foi o maior dos djins. Durante muito tempo, tampouco houve acordo em relação a suas moradas. Histórias antigas caluniosas afirmavam que os djins viviam entre nós aqui na terra, o chamado “mundo inferior”, em construções caindo aos pedaços e em muitos locais insalubres — lixões, cemitérios, fossas sépticas, esgotos e, sempre que possível, esterqueiras. De

acordo com essas versões maledicentes, faríamos bem nos banhando de cima a baixo depois de qualquer contato com um djim. São malcheirosos e transmitem doenças. No entanto, os mais eminentes comentaristas vêm sustentando há muito tempo o que hoje sabemos ser verdade: que os djins habitam seu próprio mundo, separado do nosso por um véu, e que esse mundo superior, às vezes chamado Peristão ou Mundo Encantado, é muito extenso, ainda que sua natureza nos seja oculta.

Dizer que os djins não são humanos pode parecer uma obviedade, mas o homem tem ao menos alguns atributos em comum com seus congêneres fantásticos. No que diz respeito à religião, por exemplo, entre os djins há seguidores de todos os credos existentes na terra, e existem djins descrentes, para os quais a ideia de deuses ou anjos é tão estranha quanto os próprios djins são estranhos aos homens. E conquanto muitos djins sejam amorais, pelo menos alguns desses seres portentosos conhecem a diferença entre o bem e o mal, entre a senda direita e a esquerda.

Alguns djins podem voar, enquanto outros rastejam pelo chão como cobras ou correm de um lado para outro, ladrando e arreganhando as presas como canzarrões. No mar, e às vezes também no céu, assumem o aspecto externo de dragões. Alguns djins mais subalternos são incapazes, quando em terra firme, de manter sua forma por longos períodos. Essas criaturas amorfas às vezes se introduzem no corpo de seres humanos, através do nariz, das orelhas ou dos olhos, ocupando-lhes os corpos por algum tempo e descartando-os ao se cansarem deles. Lamentavelmente, as pessoas ocupadas por djins não sobrevivem.

As djínias ou djiniri, djins do sexo feminino, são ainda mais misteriosas, ainda mais sutis e difíceis de entender, pois são mulheres-sombras feitas de fumaça sem fogo. Existem djiniri selvagens e djiniri do amor, porém também pode ser que essas duas

espécies distintas de djiniri na realidade sejam a mesma — que um espírito selvagem possa ser apaziguado pelo amor ou que uma criatura amorosa seja levada por abusos a uma selvageria que ultrapassa a compreensão dos mortais.

Esta é a história de uma djínia, uma ilustre princesa dos djins, dita Princesa dos Relâmpagos em virtude de seu domínio sobre os raios, que amou um mortal há muito tempo, no século XII, segundo nosso calendário, e de seus muitos descendentes; e como de seu retorno ao mundo, depois de uma longa ausência, quando se apaixonou de novo, ao menos por um momento, para logo ir à guerra. É também a história de muitos outros djins, masculinos e femininos, voadores e rastejantes, bondosos, ruins e desinteressados pela moral; e do tempo de crise, o tempo fora dos eixos, que chamamos de época das estranhezas, que durou dois anos, oito meses e vinte e oito noites — ou seja, mil noites e mais uma. E é verdade, vivemos outros mil anos desde aqueles dias, mas aquela época nos transformou para sempre. Mas, se mudamos para melhor ou para pior, cabe a nosso futuro decidir.

No ano 1195, o grande filósofo Ibn Rushd, que fora o cádi ou juiz de Sevilha e, mais tarde, o médico pessoal do califa Abu Yusuf Yaqub, em Córdoba, sua cidade natal, foi formalmente desacreditado e caiu em desgraça em decorrência de suas ideias liberais, inaceitáveis para os fanáticos berberes, cada vez mais fortes, que estavam se espalhando como uma peste pela Espanha árabe. Depois, Ibn Rushd foi confinado na aldeia de Lucena, nas cercanias de sua cidade natal, um lugarejo cheio de judeus que já não podiam dizer-se judeus, uma vez que a anterior dinastia governante de al-Andalus, os almorávidas, os obrigara a converter-se ao islã. Ibn Rushd, o filósofo que já não tinha autorização para expor sua filosofia, sentiu-se imediatamente à vontade entre

os judeus que não podiam dizer-se judeus. Fora o favorito do califa da atual dinastia governante, os almôadas, mas os favoritos deixam de sê-lo, e Abu Yusuf Yaqub permitiu que os fanáticos banissem da cidade o grande comentarista de Aristóteles.

O filósofo que não podia lecionar sua filosofia vivia numa ruela de terra batida, numa casa humilde de janelas pequenas, e se sentia infelicíssimo com a falta de luz. Passou a praticar a medicina em Lucena, e sua fama como ex-médico do próprio califa lhe valeu pacientes; além disso, ele lançou mão de seus poucos haveres para começar um negócio modesto de compra e venda de cavalos e também para financiar a fabricação dos grandes vasos de barro, as *tinajas*, nos quais os judeus que não eram mais judeus armazenavam e vendiam azeite e vinho. Um dia, pouco depois de iniciado o exílio de Ibn Rushd, uma mocinha que não teria mais de dezesseis primaveras surgiu diante de sua porta, sorrindo com delicadeza, sem bater nem perturbar de outra maneira as reflexões do filósofo, e ali se postou, esperando paciente que o filósofo desse por sua presença e a convidasse a entrar. A menina lhe contou que ficara órfã havia pouco tempo, que não tinha nenhuma fonte de renda, mas preferia não trabalhar no prostíbulo, e que se chamava Dúnia, nome que não parecia ser judeu, pois ela não podia pronunciar seu nome judaico e, como era analfabeta, não sabia escrevê-lo. Contou ainda que um viajante lhe sugerira aquele nome, dizendo que era uma palavra grega que queria dizer “o mundo” e que ela tinha gostado da ideia. Ibn Rushd, o tradutor de Aristóteles, nada comentou, pois sabia que o termo significava “o mundo” num número de línguas suficiente para tornar desnecessária qualquer demonstração de vaidade. “Por que você adotou o nome do mundo?”, perguntou, e ela respondeu, olhando-o nos olhos: “Porque um mundo vai emanar de mim, e aqueles que emanarem de mim vão se espalhar por todo o mundo”.

Sendo um racionalista, Ibn Rushd não adivinhou que Dúnia era uma criatura sobrenatural, uma djínia ou djim feminina: uma ilustre princesa dedicada a uma aventura terrestre, movida por fascínio pelos seres humanos em geral e pelos homens brilhantes em particular. Ele a recebeu em sua casinha como governanta e amante, e na noite silenciosa ela lhe sussurrou ao ouvido seu nome judaico “verdadeiro” — isto é, falso —, que passou a ser o segredo deles. A djínia Dúnia era de uma fertilidade assombrosa, como sua profecia indicara. Nos dois anos, oito meses e vinte e oito dias seguintes ela engravidou três vezes e de cada feita deu à luz uma penca de filhos, pelo menos sete de cada vez, ao que parecia, e em certa ocasião onze, ou talvez dezenove, embora os registros sejam vagos e inexatos. Todas as crianças herdaram o traço mais característico dela: faltavam-lhes os lóbulos auriculares.

Fosse Ibn Rushd adepto das ciências ocultas, teria compreendido num átimo que seus filhos eram a prole de uma mãe não humana, mas ele era muito ensimesmado para se dar conta disso. (Achamos às vezes que foi uma felicidade para ele, e para toda a nossa história, que Dúnia o amasse pelo brilho de seu espírito, já que sua natureza talvez fosse egocêntrica demais para inspirar amor por si mesma.) O filósofo que não podia filosofar temia que os filhos herdassem dele os tristes dons que eram seu tesouro e sua maldição. “Ser sensível, perspicaz e loquaz”, dizia, “significa emocionar-se demais, ver as coisas com excessiva clareza e falar com demasiada liberdade. É estar vulnerável ao mundo quando o mundo se julga invulnerável, entender sua mutabilidade quando ele se acredita imutável, perceber antes dos outros o que se aproxima, saber que a barbárie futura está demolindo as portas do presente enquanto os outros se apegam ao passado vazio e decadente. Se nossos filhos tiverem sorte, Dúnia, só herdarão suas orelhas, mas por infelicidade, como são



inegavelmente meus, é provável que pensem em excesso cedo demais, e ouçam coisas em demasia antes da hora, inclusive coisas proibidas de serem pensadas ou ouvidas.”

“Conte-me uma história”, exigia Dúnia no leito, com frequência, nos primeiros tempos da coabitação. Ele logo descobriu que, apesar da aparente juventude, ela podia ser exigente e resoluto, tanto no leito como fora dele. Ibn Rushd era um homem corpulento e ela parecia um passarinho ou um bicho-pau, mas muitas vezes ele se dava conta de que ela era a mais forte dos dois. Dúnia era a alegria de sua velhice, mas exigia dele um nível de energia que lhe era difícil manter. Em sua idade, às vezes tudo o que ele queria fazer ao deitar-se era dormir, mas Dúnia encarava suas tentativas de cochilar como atos hostis. “Quem fica acordado a noite toda, dedicando-se aos folguedos amorosos”, dizia ela, “na verdade se sente melhor do que quem ronca durante horas como um boi. Todo mundo sabe disso.” Na idade dele, nem sempre era fácil assumir a condição necessária para o ato sexual, sobretudo em noites seguidas, mas ela via as dificuldades do ancião como provas de sua natureza frígida. “Para quem acha uma mulher atraente, nunca haverá problema”, ela dizia. “Não importa quantas noites seguidas houver. Quanto a mim, estou sempre disposta, quero sempre e sempre, nunca penso em parar.”

Descobrir que as narrativas arrefeciam o ardor físico de Dúnia proporcionou certo lenitivo a Ibn Rushd. “Conte-me uma história”, ela pedia, enroscando-se sob o braço do companheiro, de forma que a mão dele repousava na cabeça dela, e ele pensava: ótimo, com isso estou livre esta noite, e lhe narrava, pouco a pouco, a história de seu espírito. Usava palavras que muitos contemporâneos seus julgavam chocantes, como “razão”, “lógica” e “ciência”, os três pilares de seu pensamento, as ideias que tinham feito seus livros serem queimados. Tais palavras atemori-

zavam Dúnia, mas seu medo a excitava, ela se aconchegava mais a ele e pedia: “Segure minha cabeça, enquanto você a enche com suas mentiras”.

Havia nele uma lesão funda e triste, pois era um homem derrotado, que perdera a grande batalha de sua vida para um persa já falecido, Ghazali de Tus, um adversário que morrera havia oitenta e cinco anos. Cem anos antes, Ghazali tinha escrito um livro intitulado *A incoerência dos filósofos*, no qual investia contra gregos como Aristóteles, os neoplatônicos e seus aliados, Ibn Sina e al-Farabi, os famosos precursores de Ibn Rushd. Em certo momento, Ghazali sofrera uma crise de fé, mas voltara para se tornar o maior flagelo da filosofia na história do mundo. A filosofia, escarnecia, era incapaz de provar a existência de Deus ou mesmo de provar a impossibilidade de existirem dois deuses. A filosofia acreditava na inevitabilidade de causas e efeitos, o que redundava numa diminuição do poder de Deus, que, se assim desejasse, poderia facilmente intervir a fim de alterar os efeitos e tornar as causas ineficazes.

“O que acontece”, perguntou Ibn Rushd a Dúnia quando a noite os envolveu com o manto do silêncio, a hora em que podiam falar de coisas proibidas, “se uma tocha é posta em contato com uma bola de algodão?”

“O algodão pega fogo, é claro”, ela respondeu.

“E por que ele pega fogo?”

“Porque assim são as coisas”, ela disse. “O fogo lambe o algodão, e o algodão se torna parte do fogo, é isso que acontece.”

“A lei da natureza”, ele disse. “As causas têm efeitos”, e a cabeça dela assentiu sob a mão dele, que a afagava.

“Ele discordava”, disse Ibn Rushd, e Dúnia sabia que ele se referia ao inimigo, a Ghazali, aquele que o derrotara. “Ele dizia que o algodão pegava fogo porque Deus o fizera de modo que

isso acontecesse, porque no universo de Deus a única lei é a vontade de Deus.”

“Então, se Deus tivesse desejado que o algodão apagasse o fogo, se ele quisesse que o fogo se tornasse parte do algodão, poderia ter feito isso?”

“Sim”, respondeu Ibn Rushd. “De acordo com o livro de Ghazali, Deus poderia ter feito isso.”

Ela pensou por um momento. “Isso é uma tolice”, disse por fim. Mesmo no escuro, ela percebeu o sorriso resignado, o sorriso em que havia cinismo, assim como dor, estender-se, torto, pelo rosto barbudo do velho.

“Ele diria que essa era a verdadeira fé”, Ibn Rushd respondeu, “e discordar disso seria... incoerente.”

“Nesse caso, qualquer coisa pode acontecer se Deus assim quiser”, disse Dúnia. “Por exemplo, os pés de uma pessoa podem não tocar mais no chão... e então ela sairia andando no ar.”

“Tem-se um milagre”, disse Ibn Rushd, “quando Deus modifica as regras à sua vontade, e se não entendemos o que ocorre é porque Deus, em última análise, é inefável, quer dizer, está além de nossa compreensão.”

Ela se calou de novo. “Suponha que eu imagine”, disse ela por fim, “que Deus não existe. Suponha que você me faz imaginar que a ‘razão’, a ‘lógica’ e a ‘ciência’ possuem uma magia que torna Deus desnecessário. Alguém pode ao menos supor que seria possível supor tal coisa?” Ela sentiu o corpo dele se retesar. Agora *ele* estava com medo das palavras *dela*, pensou Dúnia, e aquilo lhe agradou de uma maneira estranha. “Não”, respondeu ele, com dureza excessiva. “Isso seria mesmo uma suposição idiota.”

Ele também escrevera um livro, *A incoerência da incoerência*, respondendo a Ghazali, dele separado por cem anos e por mil e seiscentos quilômetros, mas, apesar do título incisivo, a

influência do persa morto em nada diminuiu e por fim foi Ibn Rushd quem caiu em desgraça, seu livro é que foi jogado ao fogo, que queimou suas páginas pois foi isto que Deus decidiu naquele momento: que o fogo devia ter permissão para queimá-las. Em todos os seus textos, ele tinha procurado conciliar as palavras “razão”, “lógica” e “ciência” com as palavras “Deus”, “fé” e “Corão”, mas sem êxito, ainda que usasse com muita sutileza o argumento da bondade, mostrando com citações corânicas que Deus tinha de existir por causa do jardim de delícias terrenas que ele proporcionara à humanidade, *e não enviamos chuvas do alto das nuvens, água em abundância, para que possais com ela produzir grãos e ervas e hortos cobertos de árvores?* Ibn Rushd era um entusiástico hortelão amador, e o argumento da bondade parecia-lhe provar tanto a existência de Deus quanto sua natureza essencialmente amorosa e liberal, porém os proponentes de um Deus mais severo haviam-no derrotado. Agora estava deitado com uma judia convertida, ou assim acreditava, a quem salvara do prostíbulo e que parecia ser capaz de ler seus sonhos, nos quais ele argumentava com Ghazali na língua dos irreconciliáveis, a língua do entusiasmo, a língua que não cedia, a língua que fazia com que ele fosse condenado a ser entregue ao verdugo se a usasse na vida da vigília.

À medida que Dúnia se enchia de filhos e os despejava na casa em que viviam, havia cada vez menos espaço para as “mentiras” excomungadas de Ibn Rushd. Os momentos de intimidade do casal diminuíam e o dinheiro tornou-se um problema. “Um homem de verdade enfrenta as consequências de suas ações”, disse-lhe ela, “sobretudo um homem que crê em causas e efeitos.” Todavia, ganhar dinheiro nunca fora o forte dele. O negócio de compra e venda de cavalos era traiçoeiro e cheio de perigos, e os lucros, reduzidos. Ele tinha muitos concorrentes no mercado de *tinajas*, de modo que os preços eram baixos. “Cobre

mais de seus pacientes”, ela lhe recomendava com certa irritação. “Você devia tirar proveito de seu antigo prestígio, por mais prejudicado que ele esteja. O que mais você tem? Não basta ser um monstruoso produtor de bebês. Você faz bebês, os bebês chegam e os bebês têm de ser alimentados. Isso é ‘lógica’. Isso é ‘racional’.” Ela sabia quais eram as palavras que devia usar contra ele. “Não proceder assim é incoerência”, bradou, triunfante.

(Os djins adoram objetos reluzentes, como ouro, joias, essas coisas, e muitas vezes escondem seus tesouros em cavernas subterrâneas. Por que a princesa djínia não gritava *abre-te* à porta da caverna de seu tesouro e resolvia os problemas financeiros com um gesto? Porque tinha escolhido uma vida humana, uma parceria humana como a cômputo “humana” de um ser humano, e estava comprometida com sua opção. Expor sua verdadeira natureza ao amante nessa época tardia seria reconhecer uma espécie de traição, ou mentira, que estava presente no cerne da relação entre ambos. Por isso, ela guardava silêncio, temendo que ele a abandonasse. No entanto, por fim ele a deixou de qualquer forma. Por motivos humanos que eram só dele.)

Havia um livro persa chamado *Hazar Afsaneh*, ou Mil Narrativas, que tinha sido traduzido para o árabe. A versão árabe continha menos de mil histórias, porém a ação se estendia por mil noites, ou, como os números redondos eram tidos como deselegantes, por mil e uma noites. Ibn Rushd não conhecia esse livro, mas várias de suas histórias lhe tinham sido contadas na corte. A história do pescador e do djim o atraía, menos pelos elementos fantásticos (o djim preso na lâmpada, os peixes falantes mágicos, o príncipe encantado que era metade humano e metade estátua de mármore), quer pela beleza técnica, pela maneira como as narrativas se insinuavam em outras e continham ainda outros relatos, de modo que a história se tornava um verdadeiro espelho da vida, Ibn Rushd pensava, um espelho no

qual todas as nossas histórias contêm as histórias de outras pessoas e estas mesmas se integram a narrativas maiores, mais amplas, histórias de nossas famílias, nossas pátrias ou nossas crenças. Mais bela ainda que as histórias dentro das histórias era a história da narradora, uma princesa chamada Sherazade, que contava as histórias a um marido homicida para evitar que ela mesma fosse executada. Histórias contadas para vencer a morte, para civilizar um bárbaro. E aos pés do leito conjugal sentava-se a irmã de Sherazade, a plateia perfeita da princesa, que pedia mais uma história, depois outra mais e, narrada esta, mais uma. Do nome dessa irmã Ibn Rushd tirou o nome que deu às chusmas de bebês que saíam do ventre de Dúnia, pois essa irmã, por acaso, chamava-se Duniyazade, “e o que enche esta casa sem luz e me constrange a impor preços exorbitantes a meus pacientes, os doentes e enfermos de Lucena, é a chegada dos *dunia-zat*”, ou seja, da tribo de Dúnia, da raça dos dunianos, o povo dúnia, que, traduzido, é “a população do mundo”.

Dúnia magoou-se profundamente. “O que você quer dizer”, protestou, “é que, por não sermos casados, nossos filhos não podem ter o nome do pai.” Ele sorriu seu sorriso torto e triste. “É melhor que eles sejam os *dunia-zat*”, disse, “um nome que contém o mundo e que não foi julgado por ele. Serem os Rushdi os faria entrar na história com uma marca na frente.” Dúnia começou a se referir a si mesma como a irmã de Sherazade, sempre pedindo histórias, só que sua Sherazade era um homem, seu amante e não seu irmão, e algumas das histórias que ele narrava poderiam levar os dois à morte se por acidente escapassem do negrume da alcova. Assim, disse-lhe Dúnia, ele era uma espécie de anti-Sherazade, o oposto exato da narradora das *Mil e uma noites*: as histórias que ela contava tinham salvado sua própria vida, enquanto as dele punham a vida dos dois em perigo. Todavia, deu-se então que o califa Abu Yusuf Yaqub saiu

vencedor na guerra, obtendo sua maior vitória militar contra o rei cristão de Castela, Afonso VIII, à margem do rio Guadiana, em Alarcos. Depois da batalha de Alarcos, em que seu exército matou cento e cinquenta mil soldados castelhanos, nada menos que a metade das forças cristãs, o califa deu a si próprio o nome Al-Mansur, o Vitorioso, e com a confiança de um herói conquistador pôs fim à ascendência dos berberes fanáticos e chamou Ibn Rushd de volta à corte.

O sinal da vergonha foi removido da frente do idoso filósofo, seu exílio chegou ao fim, ele foi reabilitado, livrando-se do estigma, e voltou com honras à sua anterior posição de médico da corte em Córdoba, dois anos, oito meses e vinte e oito dias e noites depois do início de seu banimento, vale dizer, mil dias e noites e mais um dia e uma noite; e Dúnia estava grávida de novo, é claro, mas ele não se casou com ela, é claro, nunca deu seu nome aos filhos dela, é claro, nem a levou consigo para a corte almôada, é claro, de modo que ela sumiu da história, que ele levou consigo quando partiu, junto com seus mantos, suas retortas borbulhantes e seus manuscritos, alguns encadernados, outros em rolos, manuscritos de livros de outros autores, pois seus próprios textos tinham sido queimados, embora muitas cópias sobrevivessem, como ele disse a Dúnia, nas bibliotecas de amigos e nos lugares onde ele os havia escondido para estar protegido contra o desfavor, porque um homem sábio sempre se prepara para a adversidade, mas, se for adequadamente modesto, a boa fortuna lhe faz uma surpresa. Ele partiu sem terminar o desjejum e sem despedidas, e ela não o ameaçou, não revelou sua natureza verdadeira ou o poder que trazia oculto dentro de si, não disse Eu sei o que você diz em voz alta em seus sonhos, quando supõe aquilo que seria estúpido supor, quando deixa de tentar conciliar o inconciliável e profere a verdade terrível, fatal. Ela permitiu que a história a abandonasse sem tentar retê-la, tal

como as crianças permitem que um desfile grandioso passe, guardando-o na memória, tornando-o uma lembrança inesquecível, fazendo-o uma propriedade sua; e ela continuou a amá-lo, em que pese ele tê-la abandonado com tamanha indiferença. Você foi tudo para mim, quis dizer-lhe, foi meu sol e minha lua, e quem há de segurar minha cabeça agora, quem há de beijar meus lábios, quem será um pai para nossos filhos?, mas ele era um grande homem, destinado aos palácios dos imortais, e aqueles fedelhos barulhentos nada mais eram que o refugio de que ele se desfazia em seu percurso.

Um dia, ela sussurrou ao filósofo ausente, um dia, muito depois de sua morte, você chegará ao momento em que desejará ter de volta sua família, e nesse momento eu, sua mulher espiritual, farei sua vontade, embora você tenha partido meu coração.

Acredita-se que ela permaneceu por algum tempo entre os humanos, quem sabe à espera, contra toda probabilidade, de que ele voltasse, e que ele continuou a lhe enviar dinheiro, que talvez a visitasse de vez em vez e que ela pôs fim ao negócio de compra e venda de cavalos, porém manteve a fabricação de *tinajas*, mas agora, quando o sol e a lua da história tinham se posto para sempre sobre sua casa, a história dela passou a ser feita de sombras e mistérios, de modo que talvez seja verdade, como diziam as pessoas, que, depois que Ibn Rushd morreu, o espírito dele voltou para ela e até lhe fez outros filhos. Diziam também que Ibn Rushd trouxe para ela uma lâmpada com um djim em seu interior e que o djim era o pai das crianças nascidas depois que ele se foi — o que nos mostra a facilidade com que as futricas viram as coisas de cabeça para baixo! E também se dizia, maldosamente, que a mulher abandonada aceitava qualquer homem que pagasse seu aluguel e que cada homem que ela punha em casa a deixava com outra prole, de modo que a duniyat, a progênie de Dúnia, não era mais formada de Rushdis bastardos,



ou parte dela não era, ou muitos não eram, ou a maioria; pois aos olhos da maior parte das pessoas a história da vida dela se tornara uma linha irregular, cujas letras se dissolviam em formas sem sentido, incapazes de revelar quanto tempo ela viveu, como, onde, com quem, quando e como — ou se — ela morreu.

Ninguém notou ou se importou que um dia ela tenha se virado de lado e deslizado por uma fresta do mundo e retornado para o Peristão, a outra realidade, o mundo de sonhos do qual os djins emergem de tempos em tempos para perturbar e abençoar a humanidade. Para os aldeões de Lucena, ela parecia ter se dissolvido, talvez se transformado em fumaça sem fogo. Depois que Dúnia deixou nosso mundo, diminuiu o número dos viajantes que transitam do mundo dos djins para o nosso, e então por muito tempo esse trânsito cessou por completo, e as frestas no mundo foram tapadas pelas ervas prosaicas da convenção e pelos espinheiros das coisas rudes e grosseiras, até que se fecharam de todo e nossos ancestrais tiveram de se haver como pudessem sem as benesses ou maldições da magia.

Entretanto, os filhos de Dúnia prosperavam. Não há como negar isso. E quase trezentos anos depois, quando todos os judeus foram expulsos da Espanha, até os judeus que não podiam dizer que eram judeus, os filhos dos filhos de Dúnia, embarcaram em navios em Cádiz e Palos de Moguer, ou atravessaram a pé os Pireneus, ou voaram em tapetes mágicos ou em urnas gigantescas como djins que eram, cruzaram continentes e singraram os sete mares, escalaram montanhas altaneiras, nadaram por rios caudalosos, penetraram em vales profundos e procuraram abrigo e segurança onde pudessem, logo se esquecendo uns dos outros ou só se lembrando deles durante o tempo que puderam e então se esqueceram, ou nunca esqueceram, transformando-se numa família que não era mais uma família de verdade, uma tribo que não era mais uma tribo de verdade, adotando

todas as religiões ou nenhuma religião, muitos deles se tornando, depois dos séculos de conversão, ignorantes de sua origem sobrenatural, esquecendo a história da conversão forçada dos judeus, alguns deles vindo a ser devotos maníacos, enquanto outros se mostravam descrentes desdenhosos; uma família sem um lugar, mas com famílias em todos os lugares, uma aldeia sem localização, mas que se insinuava em todos os lugares do globo ou deles saía, como plantas sem raízes, musgos, líquens ou orquídeas trepadeiras, que têm de apoiar-se em outras, incapazes de se sustentar sozinhas.

A história é cruel com aqueles a quem abandona, e pode ser também cruel com os que a fazem. Ibn Rushd morreu (convencionalmente, de velhice, ou assim se crê) quando viajava por Marrakech, não mais que um ano depois de sua reabilitação, e não chegou a observar seu renome crescer, não o viu estender-se, indo além das fronteiras de seu próprio mundo, chegando às terras dos infiéis, onde seus comentários sobre Aristóteles se tornaram os alicerces da fama de seu famoso antecessor, as pedras angulares da filosofia irreligiosa dos infiéis, chamada *saecularis*, no sentido de uma ideia que só surgia uma vez num *saeculum*, uma era do mundo, ou talvez uma ideia para as eras, e que vinha a ser a própria imagem e o eco das ideias de que só falara em sonhos. É possível que, como homem piedoso, não lhe agradasse o lugar que a história lhe deu, pois é uma sorte estranha para um crente tornar-se inspirador de ideias nas quais não há lugar para a fé, e uma sorte mais estranha ainda que a filosofia de um homem triunfe além das fronteiras de seu próprio mundo, mas seja rejeitada dentro delas, porque no mundo que ele conhecia foram os filhos de seu falecido adversário Ghazali que se multiplicaram e herdaram o reino, enquanto sua própria prole bastarda, deixando para trás seu nome proibido, se espalhava para povoar a terra. Uma elevada proporção dos sobreviventes

acabou no grande continente da América do Norte, e muitos outros no grande subcontinente da Ásia meridional, graças ao fenômeno de “aglomeração” que é uma parte da ilogicidade misteriosa da distribuição aleatória; e muitos deles depois se espalharam pela Américas, para oeste e para sul, assim como para norte e para oeste a partir daquele imenso losango ao pé da Ásia, para todos os países do mundo, pois da duniázat se pode com justiça dizer que, além de orelhas esquisitas, todos os seus membros têm pés inquietos. E Ibn Rushd estava morto, mas, como se verá, ele e seu adversário continuavam sua pugna no além-túmulo, pois os argumentos dos grandes pensadores não têm fim, sendo a própria ideia da discussão um instrumento que aperfeiçoa o espírito, a mais aguçada de todas as ferramentas, nascida do amor ao conhecimento, vale dizer, à filosofia.